



PALAVRAS QUE ENCANTAM E MÚSICAS QUE EMBALAM: LINGUAGENS SENSÍVEIS NA EDUCAÇÃO DE BEBÊS

Natália Marques Barbosa¹
Sarah Vitória Souza Oliveira², Laís Leni Oliveira Lima³

¹ Universidade Federal de Jataí. natalia.barbosa@discente.ufj.edu.br

² Universidade Federal de Jataí, sarah.oliveira@discente.ufj.edu.br2ufj.edu.b

³ Universidade Federal de Jataí/laisleni@gmail.edu.br

Resumo

Este trabalho apresenta um recorte de um projeto de pesquisa-ação realizado em uma turma de no Berçário I. Partimos da seguinte problematização: quais as possibilidades de considerar os enredos dos personagens literários e as mensagens apresentadas na musicalização como forma de contribuir para ressignificação das atitudes de mordidas entre bebês, possibilitando práticas educativas que promovam o desenvolvimento emocional e social no primeiro ano de vida? O objetivo geral do projeto foi investigar como a literatura infantil e a música podem ser utilizadas como estratégias pedagógicas para mitigar as atitudes de mordidas entre bebês. De modo específico buscamos compreender as possíveis causas e significados das atitudes de mordidas na turma; analisar o papel da literatura e da musicalização na mediação de conflitos e na expressão de sentimentos pelos bebês; planejar e materializar práticas educativas que integram literatura e musicalização como recursos de intervenção diante das atitudes de mordidas. Concluímos que ao inserir a literatura infantil e a musicalização de forma intencional no cotidiano do Berçário I, essas linguagens artísticas contribuíram para a criação de ambientes mais acolhedores, nos quais os bebês encontram alternativas simbólicas para comunicar suas emoções e necessidades e às diferentes formas de expressão infantil.

Palavras-chave: Emoções. Literatura. Musicalização

Introdução

Este trabalho relata parte de um projeto realizado no Estágio Curricular Obrigatório II– Educação Infantil. A intervenção aqui apresentada foi realizada no ano de 2024-2, numa instituição de educação infantil, campo de estágio da Universidade Federal de Jataí, que atende crianças de 0 a 4 anos. As turmas são divididas entre berçários e maternas, de acordo com a faixa etária. Esse trabalho foi realizado no Berçário I, com bebês de 4 meses a 1 ano. Foram 100 horas de trabalho, sendo divididas em 60h para estudos e preparo das atividades e 40 para as intervenções em sala de aula, esta ocorria em dois dias da semana na intuição campo.

A elaboração do projeto de intervenção deu-se início após as nossas observações realizadas durante o semestre 2024-1. Observamos atitudes frequentes de mordidas entre os bebês do Berçário I, típicos da idade, porém, configura-se um desafio tanto para os professores quanto para a família, uma vez que envolve aspectos socioemocionais, da comunicação e da

convivência coletiva. Diante disso, observamos a necessidade de refletir sobre estratégias pedagógicas que pudessem auxiliar na mediação dessas situações. Nesse sentido, a arte abordada na musicalização e na literatura poderia se apresentar como possibilidade.

Dessa forma, elaboramos a seguinte problematização: quais as possibilidades de considerar os enredos dos personagens literários e as mensagens apresentadas na musicalização como forma de contribuir para ressignificação das atitudes de mordidas entre bebês, possibilitando práticas educativas que promovam o desenvolvimento emocional e social nos primeiros anos de vida?

Para responder essa problematização, o objetivo geral do projeto foi: investigar como a literatura infantil e a música podem ser utilizadas como estratégias pedagógicas para mitigar as atitudes de mordidas entre bebês, favorecendo o desenvolvimento afetivo e emocional. Como objetivos específicos pretendemos compreender as possíveis causas e significados das atitudes de mordidas na turma do Berçário I; analisar o papel da literatura e da musicalização na mediação de conflitos e na expressão de sentimentos pelos bebês; planejar e materializar práticas educativas que integram literatura e musicalização como recursos de intervenção diante das atitudes de mordidas

Aproximação da realidade campo: envolvimento e intencionalidade

Como afirma Pimenta e Lima (2006), o estágio supervisionado só tem sentido quando tiver conotação e envolvimento e se aproximem da realidade para analisá-la e questioná-la à luz dos aportes teóricos. Nesse sentido, optamos pela metodologia da pesquisa-ação, uma vez que possibilita o envolvimento coletivo com a instituição possibilitando articulação entre a teoria e prática, além de possibilitar reflexão crítica em todo processo.

Dessa forma, a pesquisa se fundamentou na metodologia da pesquisa-ação, conforme Franco (2015), que compreende esta prática pedagógica como um processo investigativo e transformador, em que teoria e ação caminham juntas. Essa abordagem permitiu não apenas analisar a realidade observada no Berçário I, mas também propor e materializar intervenções pedagógicas que visassem transformar a realidade, colaborando para o desenvolvimento integral dos bebês. As atividades foram planejadas com base em registros documentais, observações participantes, estudos bibliográficos, elaboração do diário de campo, de modo a assegurar a intencionalidade pedagógica e a coerência entre teoria e prática.

A escolha pela pesquisa-ação como metodologia central deste trabalho revelou-se pertinente, pois possibilitou integrar a dimensão acadêmica da formação inicial em Pedagogia

com a realidade concreta da educação infantil. Ao adotar essa perspectiva, não apenas investigamos o fenômeno educacional em questão, mas também buscamos intervir nele de maneira crítica e transformadora. Esse movimento de articulação entre teoria e prática tornou-se essencial para compreender que a docência na educação infantil vai muito além da transmissão de conteúdo, trata-se de um exercício de observação atenta, de mediação afetiva e de criação de condições para que os bebês se desenvolvam em todas as suas dimensões.

As cores do mundinho

A rotina do Berçário I é estruturada de modo a proporcionar experiências significativas que favoreçam o desenvolvimento integral dos bebês. Cada atividade é planejada com cuidado, levando em consideração as necessidades, interesses e possibilidades próprias dessa faixa etária, de forma a estimular a curiosidade, a interação social e a expressão das diferentes linguagens infantis. Nesse contexto, descreveremos a seguir recortes do trabalho pedagógico concretizado por nós, professoras em formação, que integrou a literatura e musicalização como recursos de intervenção, sem deixar de valorizar o brincar, o cuidado e o educar como eixos centrais da educação infantil.

Chegamos pontualmente à instituição às 07 horas, organizamos a sala e o tatame para receber os bebês. Cada bebê que chegava olhava curioso para entender quem eram aquelas “professoras diferentes” que estavam presentes ali. Alguns bebês foram recepcionados pela professora regente e outros foram recepcionados por nós, visto que é comum que determinados bebês manifestem estranhamento diante da presença de uma nova pessoa no ambiente da sala, uma vez que a construção do vínculo afetivo é gradual. Segundo Arce e Silva (2012), citando Elkonin (1998), afirma que

(...) o bebê, deve encontrar já na sua chegada à escola todo um ambiente planejado e pensado pelo professor para a sua educação. Esse planejamento para o berçário deve ser minucioso, detalhista e passar pela escolha dos móveis, das cores das paredes, da cor dos berços, dos brinquedos e objetos que serão apresentados às crianças etc. Como, por meio dos seus cinco sentidos, o bebê começará sua aventura de conhecer e de compreender o mundo que nos rodeia, o professor deverá planejar atividades que estimularão essa exploração por intermédio do aparato sensorial. Faz-se imprescindível que o ambiente, os brinquedos e os objetos sejam disponibilizados de maneira alterada para que não se tornem rotineiros e enfadonhos para a criança. A proporção de objetos novos apresentados, associados a situações que propõem sempre problemas diferenciados, desperta e trabalha a curiosidade e o interesse, pois a criança não se mantém concentrada por muito tempo. A capacidade de concentração ainda terá que ser formada com o auxílio do

adulto. (...). O novo não só estimula a atividade da criança a respeito do objeto, mas também lhe proporciona apoio. As ações da criança de um ano são estimuladas pela novidade dos e sustentadas pelas novas qualidades dos objetos que vão sendo descobertas durante a sua manipulação. O esgotamento das possibilidades de novidades implica a cessação das ações com o objeto. (Arce; Silva 2012, p.178).

Depois da acolhida, iniciamos a troca de fralda. Conforme os bebês eram trocados eram acomodados na cadeirinha de alimentação para o momento do café da manhã. Nesse momento colocamos uma música ambiente, criando um momento acolhedor e, posteriormente foi servido o café da manhã.

Preparamos com antecedência o ambiente da sala para a contação de história. Após esse momento, realizamos a leitura de um livro com os bebês, o livro relata as cores do mundo, como por exemplo o Amarelo - a cor presente no sol -. O livro é recheado de ilustrações e cores. Os bebês demonstraram bastante interesse e atenção. Em seguida, levamos os bebês ao pátio para uma atividade com cores, utilizando tinta guache. Oferecemos a eles a possibilidades de escolher a cor desejada e, após a escolha, pintamos suas mãos com a tinta selecionada e as carimbamos na cartolina.



Figura 1: Criança realizando a atividade de carimbo nas mãos
Fonte: Foto tirada pelas autoras.

Realizamos as atividades com todos os bebês e com cada um, foi uma experiência totalmente diferente. Cada bebê teve uma reação diferente. Para alguns, manipular a tinta, a textura do pincel, parecia algo mágico, manipulavam livremente - fechavam, abriam os dedos, exploravam a textura e o movimento de todas as maneiras possíveis, entretanto, alguns se mostraram temerosos. Perceber e entender as reações e emoções de cada um é algo importante

para nossa prática pedagógica.

Nessa atividade, além de carimbarmos a mão dos bebês, eles também exerciam autonomia ao escolher a cor desejada. Durante todo o processo, utilizávamos reforços positivos, nomeando as cores e associando-as a elementos do mundo ao redor.

Antes dessa atividade, colocamos para tocar músicas, aproveitamos o momento para dançar com os pequenos, realizar diferentes movimentos como o corpo, ao ritmo da música Segundo Silva (2013, p.66), citando Belintane (2006)

A música ativa as circunvoluções temporais superiores do hemisfério direito, região do cérebro responsável pelos processos criativos (p.40), e as do hemisfério esquerdo, responsável pelos processos lógico-matemáticos, “sobretudo quando um trecho musical não é apenas escutado, mas executado”. Neste momento é indispensável que o educador escute a música junto com os bebês, estimulando-os. A partir da música, o educador pode trabalhar aspectos relativos ao som (grave- agudo); intensidade (forte- fraco); densidade (um- muitos sons); timbre (diferenças dos sons); duração (longo-curto). Além disso, pode ser trabalhado com os bebês questões referentes ao movimento, ao espaço. A música auxilia o desenvolvimento da percepção e atenção nos bebês, através dos diferentes sons que podem ser percebidos. Além disso, o trabalho com a música age na zona de desenvolvimento proximal da criança, auxiliando no desenvolvimento da linguagem, por meio da fala pré-linguística. (Silva, 2013, p.66).

Após a realização dessa atividade, passamos para outra história, contada na área externa da sala de aula. O livro escolhido foi “Escolher as cores”, que trazia muitas figuras, cada uma representando diferentes cores diferentes.



Figura 2: imagem do livro Escolher as Cores



Figura 3: momento em que foi contada a História do livro

Embora ainda sejam bebês e não se comunicam verbalmente, ao contarmos a história e fazermos perguntas diretas aos pequenos, percebemos o surgimento do “complexo de animação” como resposta. Para compreender melhor esta nossa atitude de questionar os pequenos, Marsiglia (2011) utiliza Martins (2009) para esclarecer este conceito.

Do nascimento ao primeiro ano de vida, o desenvolvimento infantil caracteriza-se pela comunicação emocional do bebê com o adulto. É por meio dessa relação estabelecida entre eles que o bebê se apropriará da experiência social. O recém-nascido precisa que seu organismo se estabeleça de maneira que sustente sua vida, agora de maneira independente da mãe, como antes acontecia em sua vida intrauterina. Ao mesmo tempo, o bebê continua dependente do adulto para sobreviver, pois não tem condições físicas de se alimentar sozinho, higienizar-se etc. Passa então a interagir com o meio numa atuação que será circunstanciada pelas relações sociais, é um fator crucial do desenvolvimento será a comunicação dos adultos com o bebê. Essa é sua atividade-guia. O resultado dessa comunicação, é sinal de seu desenvolvimento, e aparição do "complexo de animação", que se refere às demonstrações do bebê de sua atividade perante o adulto: sorri, faz movimentos com os braços e as pernas, emite sons e atrai a atenção (...). Essa atividade será tanto mais bem apresentada se o adulto a provoca, ou seja, se não faz a atividade por ela, mas lhe dá a possibilidade de manifestar-se. (Marsiglia, 2011, p.41-42).

Quando terminamos de contar a história colocamos em prática outra atividade pedagógica que criamos com tampas de lenço umedecido, a qual denominamos “Sons dos animais”. Ou seja, colamos em uma cartolina várias imagens de animais (macaco, gato, sapo, cachorro, leão, porco e vaca) e por cima colocamos as tampas de lenço umedecido. Uma das

docentes estagiárias ficou segurando a cartolina e abrindo as tampas enquanto a outra reproduzia os sons dos animais utilizando recursos tecnológicos. Foi uma atividade realizada com sucesso, pois alguns dos bebês começaram a repetir os sons emitidos pelos animais! Além disso, isto instigou a curiosidade deles, pois alguns queriam pegar, abrir e visualizar mais de perto e nós deixamos que eles ficassem mais próximos a nós durante a explicação, pois segundo o Documento Curricular Ampliado para Goiás (DC-GO) é de suma importância que o professor da educação infantil forneça esses momentos com os estudantes:

É papel do(a) professor(a) sentar no chão, brincar com as crianças, se deixar molhar, pintar e afagar pelas crianças, bem como afagá-las; ter disponibilidade às experiências corporais; usar vestimentas que favoreçam se movimentar junto com as crianças; além de se permitir aprender na relação com elas. A promoção de oportunidades variadas de exploração de diferentes ambientes é fundamental para as crianças se apropriarem de sua movimentação, explorando-a e recriando-a a partir da descoberta e ampliação dos modos de diálogo entre corpo e espaço; das formas produzidas a partir das movimentações e coreografias, linhas retas ou diagonais, da ocupação e uso do espaço com o corpo e das composições espaciais que podem ser feitas a partir de cenários imaginários criados e recriados, tais como uma floresta, um espaço sideral. Nesse processo é preciso considerar e aproveitar as realidades de vida, de culturas, dos contextos de cada instituição educacional, a fim de que as oportunidades sejam oferecidas às crianças. Considerar também que o corpo da criança é seu patrimônio e que os adultos são responsáveis por sua integridade. (Goiás, 2018, p 79).

Quando finalizamos a explicação deixamos um momento para que os bebês explorassem os materiais que utilizamos e instigávamos que eles abrissem as tampas para encontrar os “bichinhos”, estimulando suas funções cognitivas e a coordenação motora. Nesse sentido, notamos que alguns já conseguiam abrir sem nenhum problema, todavia, outros já tinham certa dificuldade em abrir e nós íamos pegando a mãozinha deles e mostrando como se abria, participando como mediadoras do conhecimento. De acordo com Marsiglia (2011, p. 36) esta é a função de um educador:

O educador, como um parceiro mais experiente, é aquele que faz a mediação da criança com o mundo de forma intencional, buscando as máximas possibilidades de desenvolvimento do indivíduo. O professor tem a experiência do uso social dos objetos e quando se relaciona com a criança, proporciona-lhe a vivência de uma operação que organiza uma atividade intersíquica, externa ao sujeito, que será internalizada por ele na medida em que também tiver a experiência individual, objetivando-se naquele objeto da cultura que lhe foi apresentado. (Marsiglia, 2011, p. 36).



Figura 4: Momento de mediação das professoras para que os bebês aprendessem abrir a tampa para encontrar os “animais”

Neste dia, conseguimos perceber de forma clara a relação da teoria na prática, principalmente na concepção de Vigotski, citado por Marsiglia (2011), ao referir sobre desenvolvimento efetivo e iminente, quando alguns bebês conseguiam abrir sozinhos as tampas e outros ainda não. O primeiro diz a respeito quando a criança precisa de ajuda para realizar algo, já o segundo é quando ele já consegue fazer sozinho.

Beijinho sim, mordida não!

Após a realização da rotina básica, com a sequência das atividades diárias para orientar o cotidiano das crianças, visto que, ao trabalhar com bebês, as atividades da rotina diária também se constituem atividades. Nesse dia, trabalhamos também com uma atividade orientada de contação da história “Mordida não Napoleão”, de Joyce M. Rosset.

A história retrata o menino Beto que tem um cachorro chamado Napoleão. No enredo da história conta que quando Napoleão era pequeno, mordeu seu amigo Beto. E então Beto faz uma narrativa sobre a função da nossa boca e expõe que o Napoleão tem dentes, mas não morde. Por meio dessa história apresentamos aos bebês que a nossa boca é feita para falar, comer, beijar... E ao mesmo tempo incentivávamos a fazer carinho no colega ao lado.

Confeccionamos uma boca gigante que tinha um monte de dente e mostramos para cada um. Reforçamos novamente que a boca é para falar, comer, sorrir, beijar...



Figura 5: Bebê colocando a mão dentro da boca gigan

A escolha desse conteúdo foi pensando no contexto e na realidade que estava muito presente na sala de aula. Percebemos certos sentimentos de mordidas no contexto escolar da parte dos bebês, o que vale ressaltar que não transformam eles em crianças más, tudo isso também faz parte do desenvolvimento em que estão vivendo. De acordo com Mukhina (1996) citado por Pasqualine e Ferracioli (2012)

A criança na primeira infância age sem refletir, movida por desejos e sentimentos de cada momento concreto. Esses desejos e sentimentos são provocados pelo imediato, pelo que está a sua volta; por isso seu comportamento depende das circunstâncias externas (Mukhina, 1996, p. 143, apud. (Pasqualine e Ferracioli, 2012, p.142)

Julgar um bebê como “mau” por suas ações, afinal eles agem sem refletir, mesmo o adulto aprovando ou reprovando suas ações, no momento de desenvolvimento do qual ele está, esses sentimentos de aprovação ou reprovação não são suficientes para que eles controlem todo o seu comportamento, nesse sentido, tanto a literatura quanto a música favorecem experiências de interação que ultrapassam esse caráter disciplinador, valorizando a sensibilidade, a criatividade e o respeito às diferentes formas de expressão infantil. Nesse sentido, é importante que os educadores estejam cientes e busquem conhecimento para superar essas dificuldades com esse fenômeno em específico da etapa de desenvolvimento.

Considerações Finais

As reflexões apresentadas ao longo deste texto evidenciam que a literatura e a música podem assumir um papel relevante na mediação de atitudes de mordidas entre bebês,

oferecendo caminhos para a expressão de sentimentos, a construção de vínculos e o desenvolvimento de competências socioemocionais desde o primeiro ano de vida. Ao serem inseridas de forma intencional no cotidiano educativo, essas linguagens artísticas contribuem para a criação de ambientes mais acolhedores, nos quais os bebês encontram alternativas simbólicas para comunicar suas emoções e necessidades.

Constatamos, como mencionado durante o texto, que tanto a literatura quanto a música favorecem experiências de interação que ultrapassam o caráter disciplinador, valorizando a sensibilidade, a criatividade e o respeito às diferentes formas de expressão infantil. Desse modo, o enfrentamento das atitudes de mordidas não se limita à contenção de comportamentos, mas amplia-se para uma perspectiva de formação integral, em que educadores, bebês e famílias compartilham aprendizagens e constroem relações de cuidado mútuo.

Assim, concluímos afirmando a importância de investir em práticas pedagógicas que articulem arte, afeto e educação, reconhecendo na literatura e na música recursos significativos para promover a convivência e o desenvolvimento pleno dos bebês.

Referências

ARCE, A. É possível falar em pedagogia histórico crítica para pensarmos a educação infantil?. **Germinal**: marxismo e educação em debate, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 5–12, 2013. DOI: 10.9771/gmed.v5i2.9695. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9695>. Acesso em: set. 2025.

ARCE, Alessandra; SILVA, Janaína Cassiano. É possível ensinar no berçário? O ensino como eixo articulador do trabalho com bebês (6 meses a 1 ano de idade). In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (orgs.). **Ensinando aos Pequenos: de zero a três anos**: de zero a três anos. 2ª ed. Campinas: Alínea, 2012. p. 163-185.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: set./2025.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2015. Acesso em: set./2025.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte – **Documento Curriculares para Goiás - Educação Infantil**. Goiânia-Go, 2018. Disponível em [/basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/go_curricul_o_goiias.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/go_curricul_o_goiias.pdf) Acesso em: ago/ 2025.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática pedagógica histórico-crítica**: na educação infantil e no ensino fundamental. Campinas-SP: Autores Associados, 2011.

PASQUALINE, Juliana Campregher; FERRACIOLI, Marcelo Ubiali. A questão da agressividade em contexto escolar: desenvolvimento infantil e práticas educativas. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (orgs.). **Ensinando aos Pequenos: de zero a três anos: de zero a três anos**. 2ª ed. Campinas: Alínea, 2012. p.133-162.

PIMENTA. Selma Garrido e LIMA, Maria S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Janaina Cassiano. É hora de trocar fralda! Contribuições da teoria histórico-cultural para o trabalho com bebês na educação infantil. In: ARCE, Alessandra (org.). **Interações e brincadeiras na educação infantil**. Campinas-SP: Alínea, 2013. p. 41-72.